



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

FREDOLINO ADALBERTO RICARDO TAUBE I

(depoimento)

2002

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-04

Entrevistado: Fredolino Adalberto Ricardo Taube

Nascimento: 01/11/1917

Local da entrevista: Residência do entrevistado – Canoas/RS

Entrevistadores: Diosele de Souza Moura e Berenice Machado Rolim

Data da entrevista: 04/10/2002

Transcrição: Diosele de Souza Moura/Ester Rodrigues Leão

Conferência Fidelidade: Diosele de Souza Moura

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: (02 fitas) 04/01-A, 04/01-B e 04/02-A

Total de gravação: 75 minutos

Páginas Digitadas: 23

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 0890/2004/01

Nº da fita: 0890/2004/01 a e b

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

TAUBE, Fredolino Adalberto Ricardo. *Fredolino Taube I (depoimento, 2002)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2003.

Sumário

Vida ligada ao esporte e a Educação Física; fundação da Escola de Educação Física; relato de aulas e professores da Escola na década de 40; incentivadores e facilitadores para o desenvolvimento da Educação Física e dos Esportes na época; relatos de sua época de treinador de atletismo da SOGIPA e também como coordenador da Escola de Educação Física; o trabalho com cegos no Instituto Santa Luzia.

Porto Alegre¹, 4 de outubro de 2002. Entrevista com Fredolino Taube, a cargo das pesquisadoras Diósele Moura e Berenice Rolim para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

B.R. - Está gravando...

D.M. - Bom, começando a entrevista, eu gostaria de saber quais foram as influências...

F. T. – Se pudesse falar um pouquinho mais alto taria bom, porque eu...

D.M. - Tá bom! [risos].

F.T. - Sabe? Palavra mal... É própria de velhos. Se tu dormes mal, comes mal, andas mal, enxergas mal e ouves mal, é tudo mal, não é? Então, eu tenho dois problemas sérios: não ouvir direito e não enxergar nada.

D.M. - Sim. Então eu gostaria de saber do senhor, quais foram as influências para o senhor ingressar no esporte, se foram de amigos, familiares, não é? Se foi algo que brotou mesmo da sua pessoa. Para começar no esporte, na Educação Física...

F.T. - Eu?

D.M. - Isso.

F.T. - Quem é que me incentivou?

D.M. – Isso. Qual foi a influência, se foi familiar, foi algum amigo...

F.T. - Nenhum familiar.

D.M. - Nenhum familiar.

¹ A entrevista realizou-se na cidade de Canoas.

F.T. - Nenhum familiar. Infelizmente, um dos defeitos do falecido meu pai era que ele cerceava certas coisas. Eu chegava aos domingos em casa, suado, aí já era aquela briga: “andaste jogando futebol, isso é uma barbaridade, tal, tal, tal!”. A outra coisa era desenho. Toda vez que eu... Ele me pegava desenhando alguma coisa ele me xingava e dizia: “cada vez você fica mais *burro*, escrevendo, desenhando, devia estar estudando alguma coisa”. Então, essas coisas dos pais com relação a esporte não recebi nada. Não Pelo contrário, havia um cerceamento. É, essas coisas hoje em dia desapareceram, praticamente. Hoje os pais incentivam. Mas, na minha época, isso faz o quê? Setenta anos atrás, não é e a vida era diferente. Era tudo muito diferente. É, então não recebi incentivo nenhum. Os incentivos que eu peguei foi no colégio, quando eu tirei o ginásio, em Pelotas², tirei o ginásio Pelotense. Como - parece que os pelotenses são meio nanicos - eu era o mais alto da turma e o meu professor - Roberto Muller³- ele era austríaco, não. Ele era suíço do cantão francês! Então ele falava francês também então, *ele* me incentivou a fazer ginástica, pronto pular, a fazer esporte, então eu era o atleta do ginásio. Eu arremessava peso, corria, saltava, fazia tudo, não é? Menos futebol. Futebol nunca dei para o futebol, nunca me acertei direitinho pra futebol. Com a bola nunca quis nada. Então, que de fato me incentivou para o esporte foi o meu primeiro professor de ginástica, o professor Roberto Muller. Quando eu vim para Porto Alegre⁴, no começo de 1939, colegas meus, de lá, que eram no ginásio de anos mais adiantados, tinham vindo já para Porto Alegre para estudar, e eles já disseram para o Dario Tavares⁵ que era o técnico de atletismo do Internacional⁶, disseram pra ele: “olha, vai vir aqui, vai aparecer aqui o fulano de tal que foi atleta, ou é meio atleta lá no Ginásio Pelotense e ele...”. Então esse Dario Tavares e o meu ex-colega, ginásio, não de série, estavam esperando lá no Porto. Naquele tempo só se viajava de navio, não é, não tinha essa BR116, não tinha nada! Então, desembarquei do navio e eles me pegaram, me levaram, me alojaram lá no... Naquele tempo era o Estádio do Eucalipto, ou Estádio dos Eucaliptos⁷. Lá tinha o alojamento dos atletas, dos futebolistas. Então me botaram lá e eu fiquei lá morando. E já passei a ser atleta do Internacional, competi muito

² Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

³ Nome sujeito à confirmação

⁴ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

⁵ Nome sujeito à confirmação

⁶ Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909

⁷ Estádio do Sport Club Internacional, inaugurado em 15 de março de 1931

tempo pelo Internacional. Então vejam, foram estranhos os incentivadores, os que me apoiaram, não familiares.

D.M. - Sim. E dentro do Internacional qual foi o esporte que o senhor praticou?

F.T. - Eu era atleta, quer dizer, atleta, atletismo, não é? Arremesso de peso, arremesso do dardo e arremesso do disco. Coisas que eu *nunca* fiz muito bem porque era sempre... Nunca tirei o primeiro - para nunca dizer - tirei primeiros lugares, mas quando era no campeonato estadual nunca me classificava entre o primeiro e o segundo. Eu sempre era segundo ou terceiro. Era fraco. Arremessava dardo mal e porcamente a cinquenta metros e o peso era onze metros, o peso de sete quilos. Vocês sabem o peso do peso?

D.M. - Não.

F.T. - Não, ainda não? O peso para homens era sete quilos e duzentos e cinquenta e sete gramas e das moças cinco quilos. Então, o disco de dois quilos, o masculino, um quilo o feminino. O disco - trinta e sete metros - hoje os caras arremessam setenta metros, não é? Setenta metros. Já naquele tempo tinha gente arremessando, entre os americanos, atleta americano sempre foram os mais *salientes*! Eram sessenta metros, o arremesso de disco. O peso era dezessete metros e uns quebrados, o Pierre O'Brian⁸, esse era o campeão daquela época, hoje em dia já está acima dos dezoito. Alguma coisa a mais?

D.M. - Com certeza. A questão dos clube assim que o senhor falou, do Internacional, tu participaste mais de outros clubes como atleta, como técnico, como é que foi?

F.T. – Olha, eu, então, como eu sempre digo para minha velha, eu não posso me queixar da vida; eu fui sempre um cara que, se tem Deus lá em cima, ele olhava pra baixo e dizia “esse cara eu vou ajudar, apesar de ser sem-vergonha”, não é? [risos] Tudo deu certo na minha vida! Você vê, eu venho do sul para cá, com uma mão na frente e outra atrás... Naturalmente, o que ajuda muito é o sujeito ter uma religião, estar dentro de uma igreja. Eu cheguei na igreja aqui, lá naquele tempo ficava na General Vitorino⁹, onde hoje em dia tem

⁸ Nome sujeito à confirmação.

⁹ Rua da cidade de Porto Alegre

um baita edifício, e conheci o que é minha mulher: somos casados cinquenta e sete anos. Conheci uma moça *bonita* para chuchu, *coisa mais linda!* Eu encontrei [risos]. Eu encontrei, não é? Casei. Me ajeitei com ela e, a outra coisa mais interessante, eu queria tirar Medicina, mas naquele ano que eu cheguei aqui, eles mudaram o sistema para entrada na Universidade. Não era vestibular direto do ginásio, não é? Tinha que fazer aí os três anos de... Eram três anos, então, a gente tinha que tirar o curso pré-médico, ou pré-jurídico ou pré-técnico. Eram três anos cada um desses cursos para o qual você queria fazer o vestibular. Aí eu entrei, fui estudar de noite, depois de um dia de labuta... Eu vou lhe dizer uma coisa: o professor que ensinava matemática me deixou numa barafunda tremenda, eu desaprendi tudo, eu digo, larguei imediatamente. E tive a sorte! Morar defronte a Praça da Redenção¹⁰, tinha uma pensãozinha, da Dona Iaiá¹¹; até o Doutor Leonel Brizola¹² morava lá também, ele trabalhava naquela época nos jardins - como é que eles chamam aquele departamento? É Praças e Jardins. Então ele cuidava ali, na Praça da Redenção, e trabalhava lá e nós morávamos juntos lá. E, naquele ano, foi fundada, é 40, nós estamos em 40, foi fundada a Escola Superior de Educação Física¹³. Vocês já receberam já os fundadores, têm os nomes?

D.M. - Eu não sei, acredito que a Silvana¹⁴ tenha já o registro...

B.R. - Sim, a gente tem o registro, não é? Com os nomes...

F.T. - O primeiro diretor era o Capitão Olavo Amaro da Silveira¹⁵. Chefe de Ensino: era o Tenente João Gomes Moreira¹⁶. Passou até o fim da vida na Escola de Educação Física. O Olavo Amaro foi para Minas¹⁷ e lá fundou a Escola de Educação Física de lá também. O

¹⁰ Antigo Potreiro da Várzea, parque doado a cidade de Porto Alegre em 1807, atualmente é denominado Parque Farroupilha, também conhecido popularmente como Parque da Redenção.

¹¹ Nome sujeito a confirmação

¹² Leonel de Moura Brizola.

¹³ Na época, o então Secretário de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, Dr. José Pedro Coelho de Souza, atendendo à determinação do Interventor Federal no Rio Grande do Sul, General Oswaldo Cordeiro de Farias, apresenta-lhes, em fins de 1939, a proposta de criação do Departamento Estadual de Educação Física, dele fazendo parte integrante a Escola de Educação Física.

¹⁴ Silvana Vilodre Goellner, orientadora da pesquisa.

¹⁵ Diretor do Departamento Estadual de Educação Física e da Escola de Educação Física nomeado em fins de 1939.

¹⁶ Primeiro Tenente João Gomes Moreira Filho.

¹⁷ Estado Brasileiro, Minas Gerais

Chefe de Ensino, aliás, era o Moreira, que cuidava. Ali trabalhavam... Eram fundadores, vamos dizer assim, o professor Waldir Echart¹⁸, falecido. Professor Max Ranke¹⁹. Eles eram quase *todos* brigadianos, eram oficiais da Brigada Militar aqui. Tinham o estudo, então, foram convidados a serem os professores, porque entre os professores, entre nós, não existia gente capaz de tomar conta daquilo lá. Então, naquele ano, 1940, estou eu lá na pensão entra um grupo de gente toda suada para almoçar e aí eu tomei coragem e perguntei: “o que vocês estavam fazendo, treinando o quê?”. “Não, nós viemos da Escola de Educação Física”. Digo: “Escola de Educação Física?”. “Fundada agora”, diz eles. “E nós somos a primeira turma”. Era a primeira turma. Eram todos professores das escolas *adventistas*. Eles eram professores de ginástica já na Escola Adventista, davam ginástica lá.

B.R. - Sim.

F.T. - E, então para oficializar a coisa toda, a posição deles, o título, eles tiraram o curso em um ano. Mas um ano daqueles, gemido mesmo, era de manhã, de tarde e de noite. E dê-le-que-dê-lhe. Aquilo em um ano faziam três.

B.R. - Sim.

F.T. - Bom, eu peguei essa época também, não é? No ano seguinte, eu já me inscrevi. Eu digo: “aqui está a minha oportunidade. Vou pegar essa coisa aí, a Educação Física”, e me inscrevi no Vestibular, passei e aí passou a ser dois anos. Passou muitos anos com dois anos de curso. Agora que é quatro, porque está na Universidade. Mas aí, veja só, a sorte que eu tenho, não é? Venho de lá, um Zé Ninguém, consigo fazer o curso de Educação Física.

D.M. - E qual foi o ano que o senhor entrou no Curso? Para fazer o curso de Educação Física?

¹⁸ Waldir Calvet Echart. Na época da fundação da Escola era professor da disciplina de Desportos e Ataque e Defesa.

¹⁹ Primeiro Tenente Max Herbert Hanke. Na época professor da disciplina de Desportos Terrestres Individuais – Corridas.

F.T. - 41.

D.M. - 41.

F.T. - É, 40 foi a primeira turma e 41 eu já entrei. Entrei, 41, 42. Fiz, em 42, me formei; em 43 eu não estava bem formado, veja outra coisa formidável, já vieram dizer: “olha, você vai ser professor na Escola e vai ser professor no Júlio de Castilhos.” Me deram os dois cargos, não é? Escola de Educação Física e Colégio Estadual Júlio de Castilhos que, naquela época, ficava na João Pessoa²⁰ ali, depois, do lado da Faculdade de Direito²¹; era um edifício imponente, com abóbada de cobre, uma coisa *maravilhosa, lindo!* Com dois leões, eles iam de grifos não é, os leões, que estão lá dentro, não sei se já entraram no Júlio de Castilhos atual; os leões eles salvaram na hora porque deu um *baita* incêndio e queimou aquilo tudo. A forração da abóbada era, também, de cobre estampado com ramos e figuras e tudo. Tudo veio da França pronto para montarem ali, aquela *maravilha* de coisa e aquilo o fogo consumiu em minutos. E consumiu *grande* parte da biblioteca que nós tínhamos lá, já naquela época era uma biblioteca de coisas muito antigas, não relacionados com Educação Física, era biblioteca de conhecimentos gerais, não é? E outros assuntos. Ali eu passei a ser professor da Escola e professor do Júlio de Castilhos. Agora veja só: professor da Escola ganhava cinquenta reais, cinquenta mil reais naquela época, não é? Mas, não deixava de ser alguma coisa, não é? Para quem não estava ganhando grande coisa, como eu, não ganhava nada! Eu trabalhava de pintor; para me sustentar... Porque como a Escola tinha dois turnos, era de manhã e de tarde, eu tinha que trabalhar de noite. Então eu fazia os trabalhos de pintura de noite e eu, eu era especializado em fazer letreiros, fazer figuras - até algumas figuras estão aqui dependuradas, que eu pintei naquela época e estava tudo atirado aqui e a minha velha desencavou tudo. [risos] E encheu, parece até uma pinacoteca isso aqui, de tanta coisa dependurada nas paredes. Aí eu me sustentava com pintura e fui estudando e terminei o meu curso e comecei a trabalhar no Júlio e na Escola. Naquele tempo, quando eu entrei como professor na Escola, éramos... Valdir Echardt era professor lá. A Olga²², a Nilza²³, o Moreira Filho. Vocês já devem ter anotado por aí. E, talvez alguma coisa que eu disse aí não coincida porque, sabe, com a idade felizmente a gente vai

²⁰ Avenida João Pessoa

²¹ Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

²² Olga Valéria Kroeff Echart. Na época professora da disciplina de Lançamentos.

²³ Nilza Endress Vianna

esquecendo as coisas, porque senão a gente ficaria com as partes, com fatos dolorosos, na memória toda a vida, isso não é bom, não é? Então tem que esquecer. O que que querem mais?

D.M. - E qual foi a modalidade que o senhor começou a dar como professor lá dentro da Escola?

F.T. - A idade?

D.M. - Não, a modalidade, disciplina. Qual foi a disciplina que...

F.T. - Não, não tinha disciplina naquele tempo era por ano, por série.

D.M. - Por série?

F.T. - É, não, ali, estão já, no primeiro ano era anatomia, cinesiologia, higiene, depois, nos esportes, todos, vôlei, basquete, futebol, atletismo, e todas aquelas matérias que vocês dão agora por disciplina, aquilo era tudo no ano.

D.M. - Tudo direto, assim...

F.T. - *Tudo num ano só!* É. Então a gente dava e algumas matérias eles projetavam para a segunda série, não é? Então a gente estudava no outro ano. Mas era assim: nós tínhamos até canto coral, até canto, não é? A gente [riso] cantava, não é? Tinha uma professora de música... A idéia era boa porque o professor de ginástica ele tem muita a coisa a ver com música; ele tem que ter ritmo, ele tem que conhecer - vamos dizer assim- as técnicas todas, relacionadas com a música, com o canto, para poder ensaiar um grupo bonito, fazer alguma coisa para uma apresentação, por um canto, porque a gente... Eu sempre digo o seguinte: nós, os professores do governo, não passamos de uma turma de preguiçosos e de gente que não quer fazer nada. Não quer fazer... Por exemplo: você tá num colégio particular, tem que fazer apresentação, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo. No colégio público eles não fazem, ninguém faz nada, *ninguém faz nada!* Eu acho que hoje em dia é a mesma coisa porque no meu tempo era assim. Então, eu me lembro quando eu estava no Júlio de

Castilhos. Vamos fazer um campeonato disso? “Ah, não, eu não tenho tempo, aquilo...” Não achava ninguém! [tosse]. O único que me ajudava ainda era o professor Valdir. Ou outros todos tiravam o corpo fora. Ninguém queria fazer nada porque naquele dia queriam passear, porque aquele dia não dava, ou era domingo, porque a gente tinha que pegar domingo. Eu fiz equipe de atletismo no colégio e ia competir nos colegiais, até o Júlio de Castilhos era terceiro lugar, não era mais porque a gente não tinha onde treinar, tinha que pedir favores; então eu pedia favores e ia treinar lá na SOGIPA²⁴. Vocês sabem, tem alguma coisa sobre SOGIPA?

B.R. – Sim, tem... Turnverein, né?

F.T. - A SOGIPA, o nome dela era, originalmente, Turnverein, quer dizer, a União dos Praticantes de Ginástica. Com o estouro da guerra, aquela guerra contra o Hitler²⁵, que o Hitler tinha a famosa Quinta Coluna, aqui no Brasil foi proibido falar alemão, falar italiano, falar espanhol; *ninguém* podia abrir a boca porque ia para cadeia. Passamos a viver numa era de obscuridade, eu chamo isso de obscuridade porque isso é cercear o desenvolvimento cultural de alguém porque se o sujeito sabe falar alemão e sabe falar português, ele é muito mais culto do que o outro que não sabe falar as duas línguas; ele, falar uma só, não é? E isso foi um *desastre*! Naquela época era presidente da SOGIPA o José Carlos Daudt²⁶, que eu até hoje me lembro dele com carinho porque foi o *primeiro* que construiu um estádio de atletismo no Brasil! Não havia... Havia uns campinhos, mas, um estádio, construído, *especialmente*, vocês vão lá, dão uma olhada, se não tiveram lá dentro da SOGIPA.

D.M. - Conheço, conheço...

F.T. - Aquele estádio, aquelas arquibancadas de pedra, tudo, aqueles pórticos, construído no tempo de José Carlos Daudt. Ele era incentivador disso, ele fazia isso, sabe? Ele trabalhou *muito* e eu tenho, sempre tive admiração pelo Daudt. Ele era o presidente da SOGIPA. Ele fazia os bailes lá, então, enchia o salão de papel decorado e as decorações

²⁴ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

²⁵ Adolf Hitler, ditador alemão.

²⁶ Presidente da SOGIPA de 1940 a 1949.

quem tinha que fazer era eu, e fazia com quê? Com tinta em pó e cola animal e ela apodrece e fede, não é? Então às vezes aquele salão era uma fedentina sem tamanho, por causa daqueles quadros lá, aquelas papeladas dependuradas! Na SOGIPA, depois de eu aparecer com a equipe de atletismo do ginásio e mostrar que dali tinha atleta também, eles ficaram de olho em mim e me convidaram para ser técnico na SOGIPA. Aí eu fui técnico de atletismo, a princípio para turma feminina, depois foi para turma *toda*. Assim, eu fui três vezes técnico e por três vezes deixei por motivos de trabalho; a gente não podia atender tudo aqui. A última vez que eu pedi e não fui mais foi quando eles, na Escola, me botaram como coordenador, ou seja, diretor da Escola. Aí eu pedi a demissão lá na SOGIPA. Mas tinham grandes atletas lá na SOGIPA. Eu inclusive... Um deles tornou-se recordista sul-americano - não sei se sabem o que é arremesso de martelo?

D.M. - Sei, sei...

F.T. - Não é martelo comum, não é? É uma bola, com um arame, não é? E uma empunhadura e o cara boleia por cima da cabeça, gira e...

D.M. - Por falar nisso, é bem complicado, quando eu fiz a disciplina de atletismo, é complicado, é.

F.T. - Hein?

D.M. - Quando eu fiz a disciplina de atletismo, fazia prova de martelo, foi bem complicado, não é fácil, não é qualquer um que vá, que executa.

F.T.- Quem é que tem? A onde prova do martelo? Na Escola?

D.M. - É a prova da disciplina. Dentro da disciplina tem uma prova final...

F.T. - Agora sim, sei que as moças estão arremessando, até nas Olimpíadas estão arremessando o martelo, o martelo de cinco quilos. Então esse atleta chama-se Bruno

“Strowel”²⁷, um cara baixinho, forte e tal, tornou-se recordista sul-americano de arremesso de martelo; depois mais tarde um outro atleta meu superou ele, é o Moraes²⁸ e é o recordista. Fui várias vezes técnico da SOGIPA. Só na SOGIPA, em outros lugares eu não trabalhei a não ser a Escola e Júlio. Não tinha nem tempo para isso, né? Não dava tempo!

D.M. - Em que ano que o senhor começou a ser coordenador da Escola de Educação Física?

F.T. - Em que ano?

D.M. - Que tu começaste a coordenar a Escola de Educação Física? Quando largou de ser técnico da SOGIPA e passou...

F.T.- Diretor?

D.M. - Isso.

F.T. - Isso é 70.

D.M. - 70?

F.T. - É. No governo Médici²⁹. É. Médici era governo e o Faraco³⁰ era o Reitor da Universidade. Aí começou aquele trabalho de passar a Escola para a Universidade e eu, então, fiquei encarregado disso. Então, me deram esse trabalho, de coordenar alguma coisa com relação a federalização da Escola. Terminada a federalização...

[FINAL DA FITA 04/1-A]

D.M. - Fredolino? Se o senhor quiser continuar, já está gravando.

²⁷ Nome sujeito à confirmação.

²⁸ Nome sujeito à confirmação.

²⁹ Emílio Garrastazu Médici. Presidente do Brasil no período de 30.10.1969 a 15.03.1974.

³⁰ Eduardo Zaccaro Faraco.

F.T. - A federalização foi feita no tempo que o Faraco era Reitor e o Médici era Presidente da República. Aquele que eu digo e... Acho que foi um governo, governos muito bons os dos militares. Os quatro... Os vinte anos de militares mandando, eles fizeram *muita* coisa que a República não conseguiu fazer. Que só ficavam de briga. Eles agora vão começar a trabalhar porque, agora, as briga terminaram porque houve... Tem algumas leis agora, uma delas, que eu classifico de genial, e digo que ela foi inventada pela esposa do Fernando Henrique³¹, que é a *responsabilidade* fiscal. Não sei se vocês têm idéia sobre essa lei, da responsabilidade fiscal?

D.M. - Não.

F.T. - É o seguinte: ninguém, nenhum prefeito, nenhum governador pode gastar mais do que aquilo que entra. Então, veja bem: não é coisa de mulher? A mulher é que pega o dinheiro quando o marido recebe, diz: “ah, bom, tanto para o aluguel, tanto para isso, tanto para aquilo, tal, tal e ninguém pode gastar mais do que isso”, e acabou-se. Para mim é coisa de mulher, por isso digo, sou fã das mulheres.

B.R. – [riso]

F.T.- O que você perguntou mais ainda?

D.M. - Também tem a questão, que a professora Margô³² nos falou, que o senhor trabalhou um tempo com cegos e eu queria que o senhor falasse um pouquinho sobre isso.

F.T.- Sobre o quê?

D.M. - Que o senhor trabalhou com cegos.

F.T. - Ah, *cegos*?

³¹ Referência à Ruth Cardoso, esposa do então presidente da República Fernando Henrique Cardoso.

³² Margô Leni Taube, filha do entrevistado.

D.M. - Isso.

F.T. – É, agora, aquilo não era trabalho remunerado, eu não tinha condições... Eu disse para eles eu... Nós morávamos na rua, aquela que, como é o nome dessa rua? Era a do bonde, antigo bonde, ali perto do antigo Prado³³ que também vocês não conheceram nada. Agora é o Parcão³⁴. É. A rua que passa ali, vocês sabem o nome?

D.M. - A 24 de Outubro³⁵?

F.T. - A 24 de Outubro, isso aí! Moramos muito, seis ou sete anos ali. O professor Frederico Guilherme Gaelzer³⁶, que foi diretor da Escola também, eu sempre digo, foi mais pai para mim do que meu próprio pai! Porque nós trabalhávamos mais em... Tínhamos mais contato entre um com o outro ele disse, depois que eu me formei e me casei, diz ele: “você vai morar num apartamento que eu tenho lá na 24 de Outubro, embaixo fica um instituto de fisioterapia.” Que está...?

B.R. - Não, só estava revisando pra ver se está certinho, mas está passando daqui para lá.

F.T. - “Eu tenho um instituto”, o nome do instituto era Fisiotônico, o Instituto Fisiotônico; ele atendia a freguesia lá, com massagens, banho turco, banhos, jatos de água com força, com motor, tudo. Então, massagem era uma das disciplinas que eu aprendi na Escola, né, então: “você vai lá e vai me ajudar e eu... você mora lá em cima, no Instituto lá”. Ah, fiquei lá, muito tempo! Como eu morava lá... Eu não sei através de quem, eu acho que foi a Madre Diretora da... Que eram religiosas que dirigiam o Instituto Santa Luzia³⁷; ele ficava na Independência, quase perto da Praça lá em cima. Então, “nós estamos precisando de um professor de ginástica e quem sabe você poderia fazer esse trabalho para nós?” Eu digo: “bom, prontamente, só quero a hora certa para eu não poder matar o serviço dos outros lugares, não é?” Então eu ia lá, não sei se era duas vezes, era duas vezes por semana, eu dava ginástica para os cegos lá. O pátio era lajeado com umas lajes miseráveis que tem

³³ Hipódromo Moinhos de Vento.

³⁴ Parque Moinhos de Vento.

³⁵ Rua localizada no Bairro Moinhos de Vento em Porto Alegre

³⁶ Diretor da Escola de 28/9/1955 a 24/2/1959.

³⁷ Instituto Santa Luzia de Porto Alegre.

aqui, dessas de arenito, tudo cheio de buraquinhos e coisa, olha, mas essa gurizada, cega e lomba abaixo ainda por cima, não é? Não era nivelado, aquilo era lomba abaixo, porque ali na Independência³⁸ tudo é assim meio lomba abaixo, não é? Dava ginástica para eles e depois eles queriam jogar futebol. Muito bem, aí eu arranjei uma bola pra eles, mas não viam direito a bola, então ia todo mundo, pelo barulho dela e iam tudo... E era cabeça batendo em cabeça, aquela coisa toda, mas para eles tudo, tudo estava tudo bem, tudo jóia. Um deles, não sei quem, inventou uma coisa que passou a ser usado por outros. O que fizeram: amarraram do lado de fora, costuraram tampa de cerveja [risos]. Aquelas tampinha faziam barulho então estava tudo bem; estava e jogavam e eu digo assim: "não, eu vou fazer isso diferente!" Comprei uns guizozinhos que eles usam no carnaval dependurado, o palhaço usa. dependurado os guizozinhos; mandei abrir a bola, mandei abrir tudo, colar, botar os guizos dentro e colar. Pronto, então os guizos não atrapalhavam, porque os pés desses pobrezinho estavam que era uma miséria, tudo machucado de tanto chutar tampa de cerveja. Pois olha, foi... Aí eles tinham uma bola sem tropeços porque com as tampinhas pulava de um lado para outro, com os guizos ela rolava reto, não é, não tinha problema. Olha, eles conheciam aquele pátio, eles sabiam onde é que tinha uma saliência, eles sabiam onde tinha buracos, eles sabiam de tudo! Conheciam tudo. Eu achei *formidável!* Naquele tempo tinha um que estava tirando curso de advogado. Estava tirando curso de Direito. Então, às vezes, eu estava esperando na porta, lá vinha ele: entrava na Independência e vinha subindo pela Independência, eu digo, eu pensava assim comigo: "eu não vou dizer nada, eu só quero ver se ele vai acertar a porta de entrada, o portão de entrada". Mas ele vinha, quando chegava no portão de entrada, entrava. Aí eu chamei ele! Valquírio³⁹, o nome dele. Ele é advogado em Porto Alegre, não é? "Me diz uma coisa, eu quero saber como é que tu sabes que o portão tá ali?" Ele diz: "olha, o vidente, o cara que enxerga, ele não ouve os sons que existem na rua; eu que não enxergo eu conheço os sons todos; então quando é um cachorro latindo, é uma criança, é loja, tudo, tudo fica gravado. Então, aqui quando eu chego, eu estou ouvindo a voz dos internos lá do Santa Luzia, eu sei direitinho onde é que eu estou, não tem problema". Isso é uma maravilha, não é? Quando eles foram para o Passo da Cavalhada⁴⁰, eu não fui junto, porque não para mim seria uma

³⁸ Avenida Independência.

³⁹ Nome sujeito à confirmação.

⁴⁰ A localização exata é Avenida Cavalhada, 3999. Essa região é conhecida por Passo da Cavalhada.

barbaridade ter que ir até lá. Morando na 24 de Outubro, depois então a gente se mudou para cá, que é ainda mais longe, não é? Já é uma briga ir na Escola! Alguma coisa a mais?

D.M. - Em que ano que o senhor saiu da Escola de Educação Física, como professor, como diretor e passou a trabalhar em outro lugar ou como é que foi essa...

F.T. - Não, não, nunca trabalhei em outro lugar. Eu terminei o meu tempo na Escola como diretor, no outro dia eu já estava no campo dando aula de ginástica para os... Não tinha feriado, não tinha intermediários, não, aquilo era Júlio de Castilhos e dava as minhas aulas na Escola de Educação Física onde eu dava tênis, mal dado, mas dava.

D.M. - [riso]

F.T. - Porque eu já não enxergava direito, parece mentira, então volta e meia eu ia rebater uma bola, não acertava na bola. Aí eu achava que a raquete estava furada e os alunos achavam graça. Eu digo, pois é, mas a bola tava ali, mas não acertei nela. Então aí eu sempre dizia pra minha velha que eu queria me aposentar e ler. Eu não tinha tempo nem pra ler. Eu digo: “eu vou ler todas as semanas, eu vou ler um livro fora as revistas e outras coisas mais”. É mas, diz o ditado que o homem põe e Deus dispõe, a coisa é assim, sabe? E eu não pude ler aquilo que eu quis ler, que eu queria ler, não pude fazer mais nada. Então eu digo, “não, eu vou mandar fazer óculos mais fortes para poder ao menos ler alguma coisa!”. Então, eu fui ao meu oculista ele botou uns óculos mais fortes mas ainda não adiantou; aí eu fui numa outra, numa mulher. Doutora não sei o quê, lá da associação, fui lá e lá olhou assim e disse: “mas barbaridade, rapaz, o que que é isso? Que relaxamento é isso, você está com catarata no *último* grau! Tem que operar *imediatamente* e ela já me deu requisição para um médico e tudo e tal. Aí operei catarata. Aí esse médico depois disse: “olha, mas você tem além de catarata está com glaucoma”, que é pior ainda, não é? Eu enxergava bem, olha, eu disse para o Dr. Alvadir⁴¹, era o nome dele: “faz muito tempo que eu não venho para o centro”, - naquele tempo já tinha trem, era urbano e ele vai costeando ali o Guaíba⁴², da estação Farrapos⁴³ para dentro e a gente enxerga a margem do outro lado, a vegetação. “Faz muito que eu não via garça pousada na vegetação lá, agora, as

⁴¹ Nome sujeito à confirmação.

⁴² Rio Guaíba.

graças do que eu estava vendo depois de operado. Isso não durou muito tempo, o começou o glaucoma a tomar conta. Aí conta daqui, conta de lá, e que nada, cada dia pior! E estou em fase final, estou conformado! Eu, essa casa, eu fiz a minha divisão em vida junto com a minha esposa; dividimos o que nós já tínhamos, então cada um recebeu o que tinha, e essa casa tomou para o filho que mora em Curitiba⁴⁴. E ele disse: “você ficam lá morando!” E está bom viver aqui porque aqui eu conheço tudo aqui dentro; pelo pátio todo, eu sei onde é que tem pé de roseira para eu não meter, não cair dentro dos espinhos, não é?

B.R. – Sim.

F.T. - E tenho uma propriedade *lá* no interior de Guaíba⁴⁵, que agora é um município pra cima, Mariana Pimentel⁴⁶. Aquilo eu transformei numa reserva *ecológica*. Aquilo é meu “do-doi” lá, sabe? Eu e a minha esposa adoramos aquilo lá, gostamos *imensamente*! A minha velha, ela fez até prótese num joelho, já, não podia nem andar mais direito. E teve que mudar parte dos ossos, da articulação do joelho [o telefone toca] E, entanto... Tem o quê? telefone? Isso é... Então, a minha velha atende.

D.M. – [risos]

F.T. - Aí, então, a gente vai *todos* os domingos lá, em Mariana Pimentel. Eu levo ração para os bichos que tão lá, porque, o colono em geral, ele não sabe ou não quer saber, ou não entende porque... Ou não alcança tão longe, porque tudo que ele faz para ele, não é bom para bichos. Cortar o mato ele quer, é bom pra ele, não é? Ter mato, cortar mato, queimar lá para não... Nas fonalhas do fumo, Para os bichinhos não é. Porque cada árvore, que a pessoa corta, ela representa a diminuição na quantidade de alimentos dos bichos, dos pássaros. Então, eu digo, cada vez que, por exemplo, um prefeito asfalta as ruas, acabou-se condições de sobrevivência de muitos passarinhos que catam coisas na rua. Você talvez nunca pensaram nisso, mas as pombinhas que viviam catando coisas aqui não... Eu tenho que alimentar, eu dou ração para elas aqui na frente de casa. O João-de-barro não tem mais barro para fazer o ninho dele. Não existe nem água! Então é bom botar, de vez em quando,

⁴³ Estação de Trensurb.

⁴⁴ Cidade Brasileira

⁴⁵ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

⁴⁶ Cidade distante 72km da Capital Porto Alegre.

um potinho com água que eles vão lá tomar água. Que eles não são tapados, enxergam bem, eles vão lá procurar o que precisam: a água, que eu boto lá, eu tenho tudo arrumadinho, casinha bonitinha, eu arrumei para eles, onde eu boto a comida deles. Aqui no pátio eu tenho o sabiá e eles vêm cantar aqui para nós, aqui dentro, no lado, é bom, não é, coisa muito boa isso aqui; deixa a gente mais faceiro, mais feliz, é coisa muito boa, sabe? Eu digo: o sujeito que não gosta da natureza ele não gosta de mulher, porque a mulher ela é uma natureza, uma natureza em flor, uma maravilha, então, a mulher, ela representa a natureza, para mim as duas andam de mãos dadas. Apesar de algumas mulheres não gostarem da natureza, sabe? “Ah, eu tenho horror de cobra!” [risos] Aquela coisa toda, mas depois que a gente conhece os animais e sabe o que eles podem fazer ou não podem fazer, você domina tudo, você é o senhor deles. Não para maltratá-los, mas para tratá-los bem. Não é? Eu fico feliz quando aparecem lá os macacos, os bugios que vão lá comer em volta de casa. As cotias, saracura, que é um pássaro da água, não sei, conhecem, não é?

B.R.. - Conheço.

F.T. - Onde é que você mora?

B.R. - Eu moro no Morro Santana⁴⁷.

F.T. - Sim, lá deve ter bugios, lá nos matos, que eu sei que...

B.R. - Acho que no Morro Santana não tem, mas em Viamão⁴⁸ tem.

F.T. - É, em Viamão tem?

B.R. - Tem, tem no sítio de uma cunhada que tem bastante.

F.T. - Tem em Viamão, tem na beira do rio aqui, em Belém Novo⁴⁹, Belém Velho⁵⁰, naquele mato tudo está cheio de bugio.

⁴⁷ Bairro da cidade de Porto Alegre

⁴⁸ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

B.R. - Está cheio é?

F.T. - É.

B.R. - Ah, que beleza, não é?

F.T. - Agora você vê, é um bicho que não faz mal a ninguém. Ele é até amigo da gente. Lá em casa eles iam lá, minha velha estava deitada na cama descansando de tarde, olhando pela janela e o bugio lá em cima de um galho, comendo uma uva-japonesa, não sei se conhece uma japonesa, não é?

D.M. - Conheço.

F.T. - Que maravilha, sabe? A gente quando vai lá, volta revigorado. Apesar de ter passado um dia trabalhando outras coisas mais, não é? Mas o que tinha mais? Você...

D.M. - Uma outra coisa que eu queria também falar, sobre o atletismo que o senhor, acredito que tinha sido a modalidade que mais tenha se envolvido ao longo da sua trajetória assim como professor.

F.T. - Como professor?

D.M. - É.

F. T. - Olha, na Escola eu ensinava os quatro arremessos. E mais tênis. Que de fato, só o arremesso, é pouca coisa, mas eu... Eram os quatro arremessos para os alunos e, mais o tênis. Que depois eu dava também para os universitários, não é? Como aplicação desportiva que eles dão nas universidades. Eu não sei se tem esses alunos lá, na Escola?

B.R. - Não, não tem mais. Prática desportiva?

⁴⁹ Bairro da cidade de Porto Alegre

⁵⁰ Bairro da cidade de Porto Alegre

F.T. - É.

D.M. - Não, não tem, acabou.

F.T. - Acabou?

B.R. - Acabou.

F.T. - Que pena...

D.M. - É, não tem mais, não é mais obrigatório.

F.T. - É, o que não se obriga não se faz, não é? Não se faz. É uma questão de comodidade, não é? Aluno tem que sair da cama de manhã cedo ou tem coisa para estudar. Aquela coisa toda atrapalha a prática desportiva. E, em geral, a prática desportiva era uma coisa muito mal dada, não é? A gente não dava direito, quando chovia um pouco então, já, ninguém dava nada. Aí eu me dava o trabalho de limpar a cancha de tênis, tirar água para poder jogar porque os guris vinham lá para jogar, gostavam de jogar, bater bola é bom, eles a...

D.M. - Hoje existem alguns projetos lá dentro da ESEF, mas eu não sei se dá para se considerar prática desportiva, né? São projetos de extensão: tem um que é de futsal com meninas carentes, de duas vilas de Porto Alegre e eles reúnem as meninas três vezes por semana para praticar o futsal. E tem outros também...

F.T. - Tem, é?

B.R. - É natação, tem ginástica, musculação, isso tudo tem. Mas aí é pago! Essa das meninas é gratuito, Elas vão lá e participam. Tanto o basquete também, à noite, funciona lá, é gratuito. Acho que essa questão da prática desportiva ela tem que estar sempre viva, porque faz parte da educação física, essa vivência.

F.T. - Dentro das universidades? Não?

D.M. – Lá dentro da Escola de Educação Física.

F.T. – Mas nas universidades eles não obrigam ninguém.

D.M. - Não. Não é mais lei.

F.T. - É. Isso não é muito bom, não. Eu acho que mesmo que a pessoa esteja tirando medicina, digamos, seria bom ele fazer um exercício, alguma coisa junto para que, como médica, futura médica ou médico, tivesse uma visão daquilo que pode acontecer durante a prática daquele desporto ou daquela ginástica; o que que pode haver de errado ou quais os benefícios que podem advir daquilo, não é? Então eu acho que a prática desportiva, foi-se, como diz [risos]. Foi-se! Mais alguma coisa?

D.M. - Ou assim: o que o Senhor colocou bem no início da entrevista, da visão de algum preconceito que possa ter sofrido em função de ingressar no mundo do esporte, como professor de educação física? Algum fato que aconteceu com o Senhor, que queira contar. Tanto algo positivo ou não? Na questão das pessoas aceitarem...

F.T. - Você quer saber se alguém que fez a Escola de Educação Física se destacou em alguma coisa?

D.M. - Não, não. No sentido assim, das pessoas em geral, da sociedade, se existia algum preconceito na época em relação...

F.T. - AH, sim! A gente dava ginástica na base da obrigação, obrigatório. Os alunos iam porque se não iam recebiam faltas e a falta no fim eles acabavam em segunda época. Por falta de educação física, não é? Mas a gente desenvolve certas práticas que chamam a gurizada. A gurizada gosta de jogar futebol, então eu nunca dei uma sessão de ginástica que não terminasse numa pelada de futebol ou, um campinho à parte, onde eles podiam jogar. Então praticamente não faltava ninguém. Eu tinha os meus alunos e estavam sempre presentes, tudo lá. Ainda esses dias estava olhando a... Tinha cadernos de chamada. Mas botei fora! Infelizmente, botei fora. A gente tinha alunos que não vinham nunca. Então a gente pesquisava porque que não vinham. Era alguma coisa com a família, alguma coisa

aconteceu. Mas então aquilo era assim: não precisava fazer chamada, eu sabia. Eu tinha um sistema: que lá onde nós dávamos ginástica, no estádio aquele, Ramiro Souto⁵¹. Aquele era o lugar onde o Júlio de Castilhos dava ginástica. Ali era aberto, se a gente não se cuidava entrava gente e levava as roupas da gente, não é? Então eu botava a turma toda em forma, um atrás do outro por ordem numérica. Troca de roupa, dobra a roupinha, bota do lado do tênis. Do lado donde nós íamos na ginástica, onde iria sair um jogo de basquete, ou uma pelada de futebol, depois. Ficava a roupa ali. Aí eu passava, eu não falava. Eu passava, ao longo da coluna e o aluno só dizia o número e a chamada estava pronta. Aí, quando trocava de roupa, antes de sair, de pegarem a roupa, “você entram em forma, cada um ao lado da roupa. Agora peguem a roupa. Cada um pega a sua roupa”. Porque sempre tinha um vivo no meio que poderia pegar a roupa de outro, não é? Então aquilo funcionava, era uma beleza! E a frequência era quase total, para não dizer total. Quase total. Mas era a maneira de dar a ginástica. Não eram aqueles exercícios analíticos, aquela coisa enjoada, de flexões, que depois, espanta o aluno, ele não quer esse negócio de estica braço, encolhe braço, estica perna, encolhe perna, baixa corpo, sobe corpo, trepar no cano... Aquilo eles fazem com gosto se tem depois a sobremesa! É, não, você tem uma criança: “Ah, eu não, titio” “É, mas depois tu podes comer isso aqui. Come ligeiro o feijão porque faz bem e depois come a sobremesa”. Pela sobremesa eles faziam isso também? E isso é bom! Hoje em dia meus ex-alunos são médicos, meu médico oftalmologista é ex-aluno meu, meu médico cardiologista é ex-aluno meu, aonde eu vou sempre tem um ex-aluno meu, que, por incrível que pareça, por eu ser muito chato como professor, né? [risos] Mas, agora, reconhecem tudo. É, a gente com o tempo vai vendo que as coisas, vamos dizer, o mais velho exigia bem, é o certo. Vocês têm os pais para cercear, para, como eles dizem: inibir. Não pode fazer isso, não pode fazer aquilo. Isso é muito bom porque a juventude ela é ariosa, ela se deixa levar, quando se vê ela está metida em embrulhadas que não precisam ser, mas são por falta de cuidado. Alguma coisa a mais?

D.M. - Durante a entrevista o Senhor falou o nome de várias pessoas, envolvidas com esporte, dentro questão da educação física. Eu não sei se o Senhor quer falar mais sobre alguma pessoa que foi importante...

[FINAL DA FITA 04/1-B]

⁵¹ Parque Ramiro Souto.

F.T. – Dario Tavares. Na SOGIPA não tinha técnico; depois que eu comecei aí a SOGIPA passou a ter técnico. Ali naquele tempo, os próprios sogipanos, os associados, eles treinavam seus filho lá dentro, lá na SOGIPA. Então a gente tem elementos formidáveis lá... E eram muito superiores a professores de ginástica. Por exemplo, Arnaldo Vilebecker⁵², o Otto⁵³, - eu vou me lembrar do nome. Depois, além disso, tinha os ginastas. Tinha o Hans Frühstökel⁵⁴. Esse é um nome que vocês não conseguem escrever [risos]. Frühstökel. É, deve ser esse o nome porque a pronúncia é essa. Já é falecido, era um incentivador dos esportes. Eles eram das ginásticas de aparelho, grandes! Esse Frühstökel era muito bom. Hans, o seu Karl Black,⁵⁵ não sei se ouviram falar, ele foi professor durante muitos, muitos anos da Escola de Educação Física. Era professor de ginástica de aparelhos. Ele era também da SOGIPA e mantinha aquilo lá andando. E tinha o Vianna⁵⁶, não me lembro do primeiro nome. Ele era o esposo da Nilza Endres Vianna, essa professora da Escola. Ela era professora de Basquete da Escola. A Nilza, dona Nilza. Era um incentivador do voleibol, a SOGIPA sempre tinha o futebol. O futebol. Do voleibol, quero dizer, do voleibol. Era um incentivador do voleibol na SOGIPA. E, e com ele, com esse incentivo, outros também formaram equipes para jogar contra SOGIPA. Embora a SOGIPA ganhasse de todos. Tinha as moças que jogavam muito bem, já tinham elementos de quase um metro e noventa de altura jogando... Quando dava uma cortada aquela, bum! Aquela lá para o outro lado. Ninguém pegava. Aí veio o time de voleibol do Uruguai, tudo umas nanica, gordinha [risos] deram uma surra nelas porque [risos] elas, eram na base do levanta e enterravam a bola lá do outro lado. Naquele tempo só podia baixar. Agora tem que bater forte do outro lado, não pode, não pode baixar com a mão, não é? Naquele tempo elas saltavam um pouquinho, pim! Bola nos pés das grandonas, e as grandonas perderam a bola. Perderam também a graça. Éra o seu Vianna. Olha, outro professor formidável era o professor Frederico Guilherme Gaelzer, também vocês já devem ter tomado nota dele.

B.R. - É, ele nos doou todo o acervo.

⁵² Nome sujeito à confirmação.

⁵³ Nome sujeito à confirmação.

⁵⁴ Nome sujeito à confirmação.

⁵⁵ Professor da disciplina de Ginástica de Aparelhos de Pesos e Halteres.

⁵⁶ Nome sujeito à confirmação.

F.T. - Ele foi diretor da Escola, ele era também incentivador dos esportes, principalmente natação. Bom, na natação temos o Peixinho entrou como professor. O Peixinho é o Jayme Werner dos Reis, ele já é aposentado pela Escola. O dói-dói dele já está lá, a construção, daquele...

D.M. - O Centro Natatório⁵⁷.

B.R. - O do Olímpico?

F.T. – É, a piscina olímpica, que tem embaixo, tem envidraçado para poder olhar o cara nadando, os movimentos por debaixo d'água. É o Werner era incansável neste ponto. Gostava, ele é doente por esporte, por tudo, pela ginástica. Foi meu aluno na escola. A gente, a gente conviveu depois como professor. É o Werner. Aqui, tinha outro, outro que era muito bom o Ecônomo da SOGIPA, o Ecônomo da SOGIPA, lá fora do estádio. Chamava-se, ele também tem é...[ouve-se muitos latidos de cachorro]. Era Beck⁵⁸, não Becker. Ele gostava muito, ele ajudava muito nesta parte dos esportes. Incentivava, arranjava atletas e tudo, aquilo é ótimo, ótimo. E professor Waldir Echart era do basquete, ele treinava equipes de basquete fora. Ele treinou o basquete do Internacional [tosse] e de outros, era bom. Que eu me lembre assim. A gente, gente foi, foi chinfrim. Éramos para o resultado de hoje em dia, a gente não conta. A gente é zero. Mas tem uma coisa que eu digo, o esporte conforme vai evoluindo, vão tornando ele artificial. Ele não é mais praticado pelo povo. Tem muita gente que gostaria de jogar voleibol, mas como tem um montão de regras, um montão de coisa em volta. O cara deixa de jogar porque “argh”! Eu não vou! Para isso eu não dou! Não faço isso, não faço aquilo, assim é no atletismo também. Então, aparecem de vez em quando alguns atletas especiais, gente que, por exemplo... Tem uma maratonista brasileira que se tornou evidente, eu não me lembro do nome dela, mas ela é do Norte, do Nordeste. Mas é de correr de lá para cá que se tornou maratonista. Sabe-se o que é maratona?

B.R. - Sei, sei.

⁵⁷ Prédio que abriga as piscinas térmicas na ESEF/UFRGS

⁵⁸ Nome sujeito à confirmação.

F.T. - Quantos metros tem?

B.R. - Ah! Isso eu não sei, não sei.

F.T. - Quarenta e dois quilômetros, cento e quarenta e dois. Eu ainda me lembro de alguma coisa, faz o quê? Fazem trinta anos que estou aposentado, eu não... Eu me afastei da parte do esporte. Não tem mais nada. Eu só me envolvo com a Ecologia. É, não deixa de ser uma coisa boa. Mas nem todos gostam, mas eu gosto. Eu acho que terminou, não é?

B.R. - É o senhor que sabe, está ótimo!

D.M – Então, está bom!

F.T. - Sabe é que hoje à tarde a gente tem compromisso, e a minha velha já...

[FINAL DO DEPOIMENTO]